



EM CAMPO NA TERRA INDÍGENA PIMENTEL BARBOSA: EXPERIÊNCIA DE PESQUISA EM APOIO A ESTRUTURAÇÃO DO AUTOMONITORAMENTO A'UWÊ XAVANTE

Isabella Coelho de Oliveira¹

INTRODUÇÃO

É com trabalho de campo que se tem direito de falar.² A pesquisa referida³ foi orientada por uma primeira experiência em campo na Terra Indígena A'uwê Xavante Pimentel Barbosa, localizada no nordeste mato-grossense. Após a dissolução do território ancestral Sõrepré, ao passo que uma parte da população Xavante se deslocou para o oeste e norte, um grupo considerável permaneceu na região (Welch, 2013, p. 27), sendo Pimentel Barbosa o primeiro território oficialmente demarcado, no ano de 1986 (Decreto nº 93.147, de 20 de agosto de 1986). Posteriormente, foram estabelecidas mais 8 TIs, além de alguns territórios que permanecem paralisados em alguma fase regulamentatória. Por meio de estudos sobre o uso e ocupação do solo, e apoiando-se no mapeamento social (Acselrad & Viêgas, 2013), têm sido identificadas e caracterizadas as atividades de impacto realizadas para além dos limites da TI, sendo as de maior relevância o garimpo de pequena escala e a agropecuária, sob a lógica do agronegócio.

O contexto de pesquisa construído a partir do trabalho de campo evidencia a importância dessa prática como metodologia na Geografia. À luz disso, o objetivo deste relato é criar uma paisagem imaginária sobre a experiência de pesquisa de iniciação científica realizada com os A'uwê Xavante de Pimentel Barbosa. A breve apresentação das suas motivações, estruturação e resultados é feita a partir da descrição do trabalho de campo realizado, da recuperação de bibliografia etnográfica, da realização de análises espaciais generalistas e da reflexão sobre a intersecção entre a geografia e os estudos realizados em parceria com povos indígenas, com ênfase

¹ Aluna da graduação em Geografia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

² Frase recuperada por Kayser (2006, p. 93), de autoria de Mao Tsé-Tung.

³ O relato de experiência é resultado do trabalho de campo vinculado ao projeto de pesquisa Fapesp nº 2023/05302-7, de título “Presença de atividades garimpeiras, agropecuárias e pesca ilegal nos limites da Terra Indígena Pimentel Barbosa/MT: mapeamento e análise do uso e ocupação no período entre 2010 e 2023”.



para o momento de efervescência dos trabalhos colaborativos envolvendo cartografia e geoprocessamento.

A temática foi definida no ano de 2022, quando ocorreu a primeira visita a região, onde observações e diálogos possibilitaram a formulação de uma hipótese de pesquisa, atrelada a disponibilização de produtos cartográficos à comunidade parceira. Sendo o grupo étnico um dos mais estudados no Brasil (Coimbra Jr, Welch, 2014, p. 1), os Xavante têm realizado uma série de parcerias acadêmicas, principalmente com pesquisadores das áreas da saúde e antropologia, havendo, mais recentemente, trabalhos publicados também por geógrafos e geógrafas⁴. No momento, as lideranças locais buscavam maior aproximação com o conhecimento geográfico de caráter técnico-científico, para o desenvolvimento de um plano de monitoramento territorial e ambiental, que envolvesse o uso de GPS e Veículo Aéreo Não Tripulado (drone), além da capacitação de jovens para elaboração de mapeamento próprio. À medida que dados secundários foram sendo revisados, optou-se pela realização de mais um trabalho de campo. O objetivo da nova visita seria o reconhecimento local, pensando na comprovação das informações espaciais que tais dados traziam e na sua possível utilização, junto às fontes primárias, na produção de um primeiro mapeamento auxiliar. Mais do que trabalhar com a comprovação ou negação da hipótese, acredita-se que “o próprio projeto científico de pesquisa [deve estar subordinado] ao projeto político dos grupos populares” (Brandão apud Marcos, 2006, p.109). A visita, portanto, atenderia ao objetivo, assim como às demandas instrumentais identificadas, contribuindo com o momento de estruturação do automonitoramento na TI Pimentel Barbosa.

METODOLOGIA

A entrada na Terra Indígena Pimentel Barbosa foi autorizada pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), e o projeto de pesquisa obteve aprovação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), atendendo às exigências legais e éticas estabelecidas para a realização de estudos com povos indígenas. Ademais, as fotografias realizadas durante os trabalhos de campo tiveram sua publicação autorizada mediante declaração assinada.

⁴ Os estudos envolvendo a etnia são numerosos, datados a partir de 1946, quando o etnólogo David Maybury-Lewis descreveu pela primeira vez a sociedade Xavante (Maybury-Lewis, 1984). Entre as pesquisas realizadas em Geografia, destacam-se os trabalhos de Gomide (2004, 2009, 2011a, 2011b) e, mais recentemente, as teses de Oliveira (2017), Silvestri (2019) e Ribeiro (2021), contemplando abordagens territoriais.



Sob a compreensão de que o campo não é “somente um empirismo, [mas] deve articular-se à formação teórica que é, ela também, indispensável” (Lacoste, 2017, p.91), a abordagem descritivo-analítica adotada foi fundamentada em leituras teóricas do campo agrário, junto ao reconhecimento da literatura etnográfica Xavante. É válido, e relevante, integrar perspectivas complementares, para uma maior aproximação da totalidade. Ambas as áreas se utilizam do trabalho de campo enquanto metodologia, ainda que sob ótica e objetivo distintos. Entretanto, na ciência geográfica o “trabalho de campo enquanto método, técnica ou instrumento de pesquisa, [...] surpreendentemente, ainda é pouco discutido” (Souza, 2022, p. 24). A Antropologia, por sua vez, vale-se da etnografia enquanto método central nos estudos envolvendo povos indígenas. A intenção, no entanto, não é discutir sobre o trabalho de campo em si, mas, através de um relato de experiência, trazer elementos que permitam questionar quais seriam as atuais contribuições do método à geografia realizada com povos indígenas.

Nesse sentido, a pesquisa adquire caráter participativo, a partir da conversa dialógica entre “pesquisador-pesquisado” (Demo, 1995), voltadas à análise territorial e ao apoio de atividades práticas. Em 2022, foi realizado um primeiro campo destinado à conversas e observações que serviram de base para o segundo campo, em 2023, este aqui exposto. A visita atendeu primeiro às demandas instrumentais já identificadas, voltadas ao compartilhamento de conhecimento técnico *warazu*⁵. Logo, para além da intenção de coleta de dados geográficos, principalmente coordenadas de locais mais suscetíveis ao avanço das atividades de impacto, trabalhou-se com a instrumentalização de jovens. Além de atender os interesses da comunidade parceira, a pesquisa se esforça “em comunicar os resultados aos homens e às mulheres que foram objetos delas, pois estes resultados conferem poder a quem os detém” (Lacoste, 2017, p.78). Ainda que homens e mulheres não tenham sido o foco temático, mas sim o território, a pesquisa tem contexto social e político, sendo o repasse e o trabalho com os resultados importante no fortalecimento da luta pela manutenção da área conquistada e, conseqüentemente, do modo de vida, do “bem-estar” A’uwẽ Xavante (Welch, 2023).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

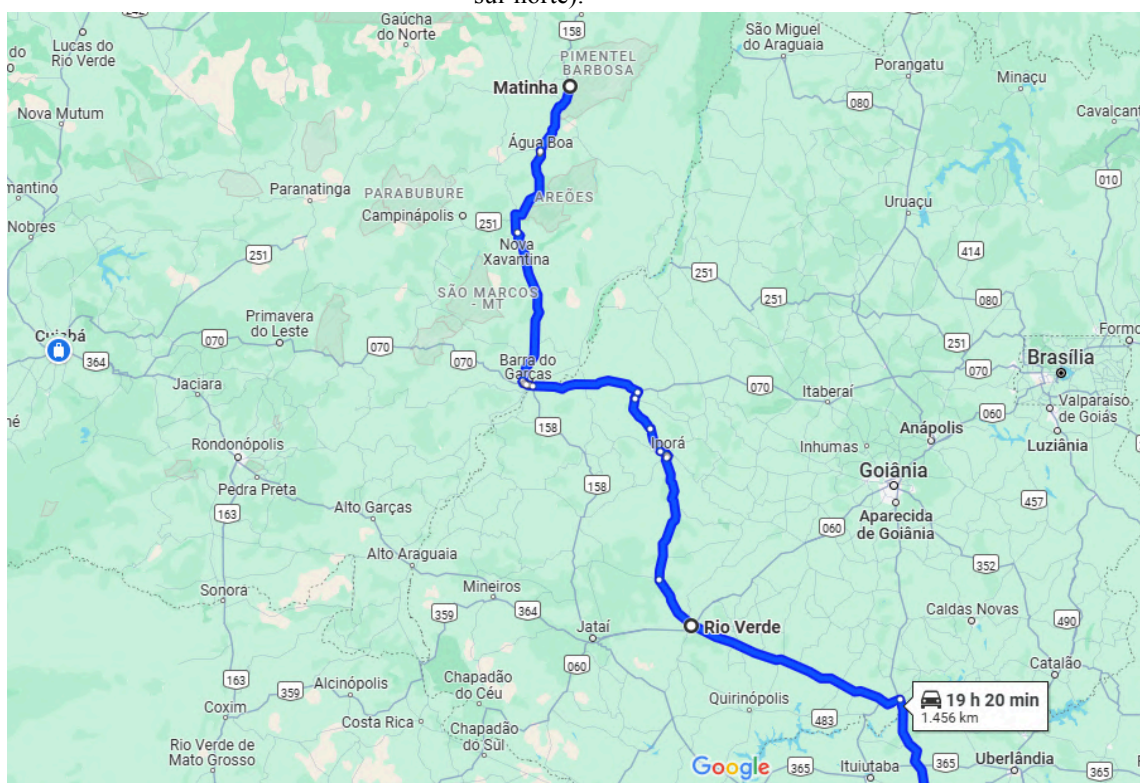
A equipe, formada por mim, pelo professor orientador e por dois colegas do Instituto de Geociências da Unicamp, saiu de Campinas\SP até Canarana\MT, completando aproximadamente

⁵ *Warazu* significa “não indígena” na língua Xavante.



1500 km rodados sentido norte, passando por São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Ainda que a distância percorrida fosse longa, os elementos paisagísticos observados ao adentrar o estado de Goiás, muitas vezes permaneciam os mesmos: extensas propriedades destinadas à pecuária e ao cultivo de monoculturas, com destaque para soja, milho e cana de açúcar. Em alguns trechos, entretanto, em contraste com as fazendas agropecuárias, encontravam-se fragmentos do bioma Cerrado. A paisagem, então dual, determinava um contraste impactante, onde pequenas áreas de preservação da vegetação típica indicavam a existência de uma conflitualidade marcada pela disputa entre dois tipos de uso da terra.

Figura 1: Captura de tela com parte do trajeto. Trechos da BR-452, GO-174, BR-070 e BR-158 (sentido sul-norte).



Fonte: Google Maps.

As estradas, com ênfase para o trecho da BR-158⁶ localizado no Mato Grosso, enquanto infraestruturas recentes, dão passagem à uma frota de caminhões que transportavam, prioritariamente, grãos de soja e gado bovino. No sul goiano, as mesmas circunstâncias. Lá, para além dos latifúndios e das vias que facilitavam a logística de exportação de commodities,

⁶ A rodovia estende-se de Goiás ao Pará, com trecho de 800 km no estado do Mato Grosso; sua ampliação “incentiva o surgimento de latifúndios, e o surgimento de latifúndios pressiona a continuidade de implementação da rodovia” (Rodrigues, 2022, p.48).



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA – JORNADA CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

observou-se a presença completa da sofisticada infraestrutura do agronegócio (armazéns, centros comerciais especializados, empresas de consultoria agrícola, etc.). As cidades no local, aparentemente, estão mais próximas das vias federais e estaduais, o que explica a concentração de estabelecimentos do setor terciário. Constituíram exemplos do cenário mato-grossense a ser defrontado no momento seguinte. Este, era composto pelos municípios que compreendem a TI e outros adjacentes, entre os quais Canarana, Ribeirão Cascalheira, Água Boa, Barra do Garças e Nova Xavantina, núcleos urbanos que integram as mesmas características, comportando uma rede de serviços especializada semelhante.

Figura 2: Mosaico de fazendas no entorno da TI Pimentel Barbosa. **Figuras 3 e 4:** Setor terciário em Barra do Garças (MT) e Canarana (MT). **Figura 5:** Armazém em trecho da BR-158.



Fonte: A autora, 2024.

Margeando a TI Pimentel Barbosa, com seus 329.000 ha (ISA, 2025), chega-se à Matinha, vilarejo localizado à margem da BR-158, que dá acesso à Aldeia Pimentel Barbosa. No local, não havia nenhuma estrutura impedindo a entrada, apenas um caminho estreito após uma placa antiga de identificação da terra indígena pela Funai. A cerca de 40 minutos chegamos à aldeia, adentrando seu extenso pátio central, cercado por casas⁷ distribuídas em formato de ferradura, configuração típica da espacialização comunitária A'uwẽ Xavante. Já no período da noite, a iluminação estava a

⁷ Segundo Giaccaria e Heide (1984), em Oliveira (2017), as moradias (*Ri*) se dispõem em formato de ferradura ou semicírculo, com as entradas voltadas para o pátio central da aldeia (*Warã*).



cargo das luzes que saíam das casas voltadas ao centro. Nos direcionamos à casa onde ficaríamos, posicionada em um dos extremos do semicírculo, voltada para a serra de *Wedezé*⁸. Sendo de alvenaria, diferenciava-se das tradicionais habitações Xavante⁹, geralmente feitas com palha. A estrutura inacabada comportava banheiros e um projeto de cozinha, rede elétrica e água encanada¹⁰, sendo um projeto de museu financiado pela Funai. O lugar era, desse modo, referenciado a todo momento como “Museu” pelos moradores da comunidade. A partir de relatos, tem-se que os recursos financeiros foram insuficientes para a finalização da obra, que planejava a instalação de janelas, portas, mobília, com o preenchimento dos cômodos inspirados em uma casa urbana.

Fomos recepcionados pelos homens no *Warã*¹¹ e, no dia seguinte, por toda a comunidade, homens, mulheres, crianças e idosos, em um almoço coletivo. A refeição compartilhada promoveu uma primeira aproximação, ainda que a língua fosse uma enorme barreira, haja vista que poucas pessoas tinham fluência em português. A convivência inicial permitiu-nos notar as diferenças quanto à distribuição de tarefas e o tratamento social, aparentando a demarcação de diferenças de gênero e de grupo¹² que, com o tempo, seriam melhor entendidas. No *Warã*, espaço que passamos a frequentar, participavam apenas os homens maduros, que, envolvidos com as questões políticas internas e externas, foram destinados ao trabalho com monitoramento.

A Terra Indígena Pimentel Barbosa, teve seus limites territoriais revistos em 1980 (Azanha, 2013), permanecendo inalterados até o momento. A pressão ao limite territorial estabelecido se dava em algumas áreas específicas da fronteira imaginária, onde seriam coletadas coordenadas geográficas para visualização da expansão das propriedades em imagens de satélite atualizadas. A pergunta das lideranças poderia ser resumida em: “estariam as fazendas do entorno obedecendo o

⁸ A serra localiza-se na Terra Indígena Wedezé, a leste da TI Pimentel Barbosa, com demarcação estabilizada na delimitação, segunda etapa do processo (ISA, 2025). A região foi habitada durante um longo período, antes do cruzamento do Rio das Mortes e deslocamento para a região a oeste, onde hoje localizam-se as outras TIs (Welch et al., 2013, p. 25).

⁹ Ainda segundo Giaccaria e Heide (1984), em Oliveira (2017, p.66), a casa Xavante (*Ri*) é “circular com um diâmetro entre cinco e seis metros, possui um pilar central para o qual convergem as outras estacas que compõem o círculo e sustentam a cobertura de palha. As palhas utilizadas nessa cobertura são de dois tipos: a palha de indaiá, que cobre a porção superior por ser mais resistente ao desgaste principalmente das chuvas; e a palha de buriti, que cobre as paredes”. No período da visitação, às casas apresentavam algumas diferenças, entre elas o formato quadrangular.

¹⁰ A água era coletada em pontos localizados na parte posterior das casas, não havendo água encanada no interior das casas.

¹¹ A palavra *Warã* faz referência ao pátio central, mas também dá nome à reunião dual realizada ao início da manhã e entardecer pelos homens maduros.

¹² Além da diferenciação por gênero, na qual o “*Warã* simboliza o mundo dos homens, enquanto as moradias representam o mundo feminino” (Oliveira, 2017, p.66), tem-se que “a organização social e política A’uwê é marcada pela presença de metades opostas e complementares, dualidade característica das sociedades indígenas Jê” (Ribeiro, 2023, p.77).



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA – JORNADA CARLOS WALTER PORTO-SONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

traçado limite ou estariam expandindo sua área discretamente?”. Buscou-se, nesse sentido, percorrer o máximo de quilômetros possíveis do perímetro da TI. Saindo do vilarejo da Matinha, seguindo pela BR-158 até o Rio Água Suja, principal referência ao limite horizontal sul, estava o marco de demarcação da Funai, caído ao chão. Mais a norte da mesma BR, para além da pressão exercida pela agropecuária, encontra-se a mineradora Kero Kero, acusada de atividades irregulares, entre elas o descarte inadequado de rejeitos, que tem provocado o assoreamento dos cursos d'água mais próximos.

Figura 9: Marco físico da Funai. **Figura 10:** Área de exploração minerária, com registro do licenciamento concedido pela Secretaria do Meio Ambiente (SEMA). **Figura 11:** Monocultivo de soja na Fazenda Planalto. **Figura 12:** Cerca posicionada como limite físico entre a TI Pimentel Barbosa e a Fazenda Planalto.



Fonte: A autora, 2024.

Toda a área externa à TI aparentava estar desmatada. A região a norte em específico, próximo ao Rio Corixão, principal referência ao limite horizontal norte, continha áreas de desmatamento recente, indicado pela concentração da vegetação removida em amontoados espalhados pelos terrenos. Entre as várias fazendas com placas de identificação contendo o nome da propriedade, destacou-se a área de ocupação da Fazenda Planalto. Foi detectada a remoção da vegetação após uma cerca utilizada como limite físico entre esta e a terra indígena. Entre as



interpretações formuladas, levantou-se a possibilidade de os proprietários estarem delimitando um aceiro¹³, voltado ao impedimento do alastre de queimadas. Seria necessária melhor averiguação da condição presenciada. Apesar disso, o contraste novamente estava posto, agora com uma grande porção do bioma Cerrado preservado no interior do território Xavante, o que indica a eficiência do manejo indígena à manutenção da mata nativa. Esta, ao fundo, destoa do encontrado nas proximidades da cerca, e para além dela, no interior da fazenda em questão. Primeiro, uma área com aparente remoção da vegetação de alto porte e, depois, o monocultivo de soja, sendo este um exemplo do tipo de uso predominante nas externalidades da TI Pimentel Barbosa.

Figura 13: Imóvel rural de grande extensão destinado à criação de gado bovino. Margem esquerda do Rio Corixão, limite horizontal norte da TI Pimentel Barbosa. **Figura 14:** Remoção de vegetação recente em imóvel a norte da TI.



Fonte: A autora, 2024.

Realizamos um extenso deslocamento, mas não percorremos o limite por completo, devido à sua grande extensão. Os limites norte e oeste são delimitados predominantemente por estradas, enquanto os sul e leste, por rios. Havia uma expectativa em percorrer o Rio das Mortes, limite vertical leste, entretanto houveram alguns problemas técnicos. De todo modo, a ida até a margem possibilitou chegar ao posto da Funai que servia de base para a realização de algumas atividades no rio. O auxílio à desova das tartarugas tracajá, por exemplo, havia sido feito há pouco tempo com o apoio do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama).

As atividades diárias eram iniciadas após algumas xícaras de café preto e açúcar tomadas no Museu. Após o reconhecimento da área e coleta de coordenadas geográficas, realizados junto ao cacique Tsuptó e dos jovens destinados às atividades de monitoramento, foram conduzidas as

¹³ A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) define aceiros como “faixas ao longo das cercas onde a vegetação foi completamente eliminada da superfície do solo. A finalidade é prevenir a passagem do fogo para área de vegetação, evitando-se assim queimadas ou incêndios” (EMBRAPA, 2008).



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA – JORNADA CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

oficinas programadas. O formato planejado anteriormente compreendeu momentos teóricos, de discussão mas, principalmente, momentos práticos, com a realização de atividades interativas. Foi criado um novo grupo de trabalho destinado ao automonitoramento e gestão territorial e ambiental da TI Pimentel Barbosa composto por homens maduros. Muitos deles já acompanhavam a coleta dos pontos, estando familiarizados com os assuntos trazidos, o que facilitou o desenvolvimento das atividades.

Primeiro, trabalhou-se com a cartografia sistemática, por meio de mapas impressos em papel apropriado para anotações. Priorizando a capacidade de leitura de um mapa, foram apresentados os elementos cartográficos fundamentais: escala, pontos cardeais, legenda, coordenadas etc., Em seguida, foram abordados os diferentes tipos de mapas, dando ênfase à importância da cartografia temática. Por fim, estabelecido um diálogo, foi possível a realização da análise e interpretação de imagens de satélite. Com os mapas dispostos sobre a mesa, foram identificadas e diferenciadas formas, texturas, cores, entre outros atributos, que permitem a classificação de classes em um mapa. É importante destacar e agradecer pelo trabalho de tradutores, indígenas da própria comunidade que nos acompanhavam a todo momento. A turma contou com a participação de aproximadamente 20 jovens, sendo apenas 3 ou 4 fluentes em português. Vale pontuar a relevância do mapa impresso em branco, contendo apenas o traçado do limite territorial da TI em vermelho. A prática utilizando tal mapa possibilitou que os participantes desenhassem algumas localidades, e compartilhassem mais claramente seu entendimento espacial, determinando uma interlocução entre a compreensão territorial da ciência geográfica e a própria A'uwẽ Xavante. O resultado foi interessante, sendo identificadas referências de localização comuns e outras destoantes. Na sequência, conversou-se sobre bússola e GPS, enquanto instrumentos de auxílio à gestão e monitoramento. Visando a maior autonomia da comunidade, em um contexto onde poucos têm acesso ao GPS, foi compartilhado um aplicativo de geolocalização disponível para aparelhos de telefone. Desse modo, fizemos o download do *app* de livre acesso e partiu-se para a instrumentalização, a coleta de pontos geográficos. Sem a necessidade de conexão com internet ou área telefônica, o *app* seria útil nas atividades envolvendo a gestão e o monitoramento territorial.



Figura 15: Pesquisadora responsável discutindo interpretação de imagem de satélites. **Figura 16:** Oficina de coleta de dados geográficos.



Fonte: Prof. Vicente Lemos, 2024.

Com o fim das atividades, chega o momento de partida do grupo. As despedidas e agradecimentos tiveram início no *Warã*, seguidos pela participação em um momento de canto e dança tradicionais¹⁴. De volta ao Museu, a equipe de trabalho também organizou um momento cultural. Foi improvisada uma sala de cinema para exibição da animação infantil “Rio”. Estiveram presentes muitas mulheres e crianças, mas também alguns homens. O filme foi exibido em português, já que não existe legenda na língua tradicional Xavante. Ainda assim, com poucos falantes de português, as risadas demonstraram o divertimento das pessoas com as cenas icônicas.

A minha despedida se daria depois, já que a estadia foi prolongada. Quando anunciada a data de partida, passei a receber no Museu uma série de visitas. Muitas mulheres estavam disponíveis a conversas e a uma maior aproximação. Fui convidada a integrar as partidas de vôlei realizadas no pátio, como treinamento para um campeonato futuro. Muitas das mulheres mais velhas, aproveitavam a visita para trazer alguns presentes, sempre alegres e sorridentes. Alguns homens também passaram pelo Museu, trazendo colares feitos pelas esposas e filhos. Aos poucos fui deixando alguns utensílios e mantimentos com as pessoas que iam passando. Pela noite, no último *warã*, o agradecimento foi mútuo, representados pela recepção realizada por mulheres que ainda não haviam se aproximado. Acompanhadas de seus filhos pequenos, me concederam mais presentes, colares variados e cestas tradicionais de vários tamanhos, que hoje enfeitam minha casa. O acolhimento me deixou empolgada para o fortalecimento de uma parceria e, sobretudo, indicou que o campo superou os seus objetivos.

¹⁴ Fala-se da “prática do *da-nho're*: performance coletiva de canto e dança” (ISA, 2024).



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA – JORNADA CARLOS WALTER PORTO-SONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

Figura 17, 18 e 19: Equipe da Unicamp e homens Xavante responsáveis pelo monitoramento da TI.



Fonte: A autora, 2024.

Os poucos dias na Aldeia Pimentel Barbosa, desse modo, proporcionaram a realização de um trabalho coordenado com tranquilidade. Para além das atividades planejadas, houveram momentos de lazer e integração, indispensáveis ao êxito dos objetivos estabelecidos. Diga-se, as partidas de vôlei entre mulheres, os cafés da manhã e da tarde compartilhados com os visitantes do Museu. Além disso, em alguns momentos, ocorreu o compartilhamento de vídeos feitos por cineastas Xavante, contendo registros visuais dos rituais de iniciação, lutas corporais e corridas de tora, além de cantos\danças¹⁵. Por vezes, as demandas diárias se misturavam espontaneamente com a rotina de trabalho. No caminho para o Rio das Mortes, na tentativa de coleta de coordenadas geográficas, por exemplo, o carro foi aproveitado como carona para chegada até o local de pesca, e vice-versa. No percurso, com destaque para a região denominada várzea, local de campo limpo do Cerrado, onde se praticava a queimada controlada, foram encontrados alguns animais, como as queixadas e tartarugas. Em outro momento, a caminhonete encontrava-se indisponível por conta de um casamento¹⁶ na aldeia vizinha. Como dita a tradição Xavante, o noivo deve oferecer à família da noiva uma caça farta, sendo o veículo de grande utilidade. Desse modo, o trabalho foi conduzido em harmonia com a rotina da comunidade, que demandava tempo para a obtenção de fontes de alimento e para a realização de eventos tradicionais.

As expectativas sobre o monitoramento e gestão na TI Pimentel Barbosa continuam elevadas. Alguns meses após o campo descrito, foi realizada uma nova visita com o objetivo de

¹⁵ *Oi'ó, Wa'i, Uiwede e Da-ño're*, respectivamente (Graham, 1995).

¹⁶ “A celebração Xavante do matrimônio, *adaba*, se dá depois de o casal haver vivido junto durante um certo período, a união já sendo estável. A cerimônia em si consiste numa troca solene de alimentos de dois dias de duração, que representa as contribuições do homem e da mulher à união matrimonial” (ISA, 2024).



compartilhar resultados. Foi produzido um mapeamento com os dados coletados, evidenciando os principais pontos de conflito nos limites do território. De modo complementar, foi produzida uma segunda série de mapas, com dados secundários em série histórica sobre desmatamento, mineração e evolução fundiária. O material foi organizado em banners para melhor visualização e manutenção, e compartilhado em reunião realizada mediante presença da liderança local, cacique Tsuptó, do ancião Wahipó e do grupo de jovens estabelecido. O momento foi de análise e discussão sobre condições territoriais, ações a serem tomadas e locais para utilização do novo material de suporte. Pela continuidade do contato através de meios virtuais, tem-se que 2024 e 2025, algumas conversas realizadas com o cacique Tsuptó e com o indigenista parceiro Alexandre Lemos indicam não só a satisfação com o trabalho de campo compartilhado, com a solicitação grupo de jovens está cada vez mais estruturado e dedicado às atividades de defesa do território conquistado. Em ão de fotos para recordação e incentivo dos jovens, mas sobretudo como tem acontecido a capacitação para uso da cartografia e de instrumentos, entre eles o drone, agora com apoio financeiro vindo do exterior. Além disso, o grupo se expandiu e agora se organiza pelo wpp, já que conta com a participação de lideranças 26 aldeias constituintes da TI Pimentel Barbosa. O grupo conta com jovens, representantes de 14 aldeias. O trabalho tem sido também desenvolvido em parceria com associações indígenas de outras etnias, pensando na promoção da troca intercultural. O “grupo de guardiões do território de Pimentel Barbosa” encontra-se em um momento estratégico, pensando na retomada do processo de demarcação da Terra Indígena Wedezé e na elaboração autônoma de um Programa de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia tem se dedicado a estudos sobre terra e território envolvendo povos indígenas desde o século passado. O trabalho de campo foi se estruturando metodologicamente, sendo hoje um importante pilar na conformação e aprimoramento das pesquisas realizadas. Utilizado em pesquisas geográficas envolvendo povos indígenas, se diferencia da concepção de campo ditado pela tradição etnográfica, ao percorrer caminhos muito mais técnicos e práticos. No caso desta pesquisa, envolvendo a aplicação de conhecimentos sobre geolocalização e cartografia. Neste sentido, a experiência com os A'uwẽ Xavante de Pimentel Barbosa foi tanto um exemplo de aprimoramento da pesquisa quanto da condução de seus objetivos às pessoas de interesse, através do trabalho de campo sob a perspectiva geográfica. Sabe-se que há o que se estruturar quando se



fala das especificidades do método. No entanto, o trabalho de campo traz uma série de potencialidades e, mesmo assim, muitas vezes, não é priorizado.

Estudos com povos indígenas em geografia tem se intensificado, especialmente após a promulgação da Constituição Federal de 1988, quando o movimento indígena se fortalece e se acentuam as demandas por demarcação, proteção e gestão dos territórios indígenas. Nesse contexto, a geografia passa a integrar estudos sobre território e territorialidade, muitos deles envolvendo análises sobre o uso e ocupação do solo, voltadas à identificação de atividades de impacto socioespacial, como é o caso da pesquisa em realização. Atualmente, grande parte das pesquisas tem recorrido ao uso do geoprocessamento e da cartografia como instrumentos de representação, análise e denúncia. Nesses termos, a experiência de apoio à estruturação do automonitoramento territorial e ambiental e gestão A'uwê Xavante, na Terra Indígena Pimentel Barbosa, confere sentido à investigação realizada, ao mesmo tempo em que contribui com um momento, voltado fortalecimento da autonomia e da luta indígena contemporânea.

A abordagem instrumental trabalhada não é de exclusividade acadêmica. Para além das universidades, o compartilhamento técnico tem sido impulsionado também por ONGs nacionais e internacionais. Esse contexto parte da noção de que o trabalho com mapeamento, geoprocessamento e conteúdos afins tem sido de grande utilidade na defesa dos territórios. Um bom exemplo é a apropriação de tais instrumentos pelo Conselho Indígena de Roraima (CIR), entidade indígena que possui um laboratório próprio de geoprocessamento vinculado ao seu Departamento de Gestão Territorial e Ambiental (DGTA). Assim, a atuação pelo meio universitário, através de uma pesquisa de iniciação científica com atividades de extensão é mais um caminho de enfrentamento da persistente questão indígena brasileira.

Este relato de experiência não pretende apenas compor uma paisagem imaginária, mas apresentar algumas complexidades a serem alcançadas pela pesquisa científica, principalmente as geográficas realizadas em parceria com povos indígenas. A proposta se utiliza da descrição do trabalho de campo acompanhada de uma breve análise, com ênfase para a apresentação de elementos culturais Xavante. O foco, contudo, foi a apresentação do momento embrionário da composição de um grupo indígena voltado às atividades de gestão e monitoramento. Esse contexto presenciado, ainda que comum em territórios indígenas, evidencia uma potencialidade da intersecção entre a Geografia e os estudos colaborativos com povos indígenas. Ademais, também



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA – JORNADA CARLOS WALTER PORTO-FONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

elucida o atual momento de efervescência do uso da cartografia e do geoprocessamento como ferramentas aliadas a resistência e autonomia indígenas.

Este trabalho só foi possível graças aos diversos apoios recebidos. Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), à Associação dos Xavante de Pimentel Barbosa, à Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) pelo suporte concedido. De forma especial, expresse minha gratidão ao cacique Tsuptó, pela disponibilidade, receptividade e apoio, ao indigenista Alexandre Lemos, pelo acompanhamento atento e constante.

Palavras-chave: Trabalho de campo; Cartografia; Território, A'uwẽ Xavante, Geografia Agrária.

REFERÊNCIAS

ACSERALD, H.; VIÉGAS, R. N. Cartografias Sociais e Território– um diálogo latino americano. In Acserald, H. (Org). **Cartografia Social, terra e território**. Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional. 2013. 15- 40. Acesso em: 5 jun. 2025.

AZANHA, G. **Estudos Etnológicos dos Impactos nas TIs Parabubu-Culuene, Areões, Pimentel Barbosa e Marechal Rondon**. 2013.

BRASIL. Decreto nº 93.147, de 20 de agosto de 1986. Homologa a demarcação da Terra Indígena Pimentel Barbosa, no Estado de Mato Grosso. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 21 ago. 1986. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/1985-1987/d93147.htm. Acesso em: 5 jun. 2025.

COIMBRA JR., C. E. A.; WELCH, J. R. (Org.). **Antropologia e história Xavante em perspectiva**. Rio de Janeiro: Museu do Índio/Funai, 2014. 216p.

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 1995. Disponível em: https://ufrb.edu.br/educacaodocampocfp/images/DEMO_Pedro._Metodologia_cient%C3%A9fica_em_Si%C3%A9ncias_Sociais.pdf. Acesso em: 14 fev. 2023.

EMPRESA BRASILEIRA DE AGROPECUÁRIA E AGRICULTURA (EMBRAPA). **Aceiros evitam propagação de fogo em pastagens**. 2008. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/18031879/aceiros-evitam-propagacao-de-fogo-em-pastagens>



GOMIDE, M. Marãã Bödödi: a territorialidade Xavante nos caminhos do Ró. 2009. **Tese (Doutorado)** – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-20102009-163712/>. Acesso em: 03 nov. 2025.

_____. Ró - Cerrados e mundo A'uwe Xavante. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 29, p. 117-130, 2011b.

_____. Território no mundo A'uwe Xavante. *Confins*, **Revista franco-brasileira de Geografia**, n. 11, 2011a.

_____. Povos indígenas do cerrado, territórios ameaçados: terras indígenas xavante - Sangradouro/Volta Grande e São Marcos-MT. 2004. **Dissertação (Mestrado)** – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. . Acesso em: 03 nov. 2025.

GRAHAM, L. **Performance de sonhos: discursos de imortalidade Xavante**. Trad. Fernando de Luiz Brito Vianna. São Paulo: Edusp, 2018.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Terra Indígena Pimentel Barbosa**. 2024. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3821>. Acesso em: jun 2024.

_____. **Terra Indígena Wedezé**. São Paulo: Instituto Socioambiental. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/5228>. Acesso em: 3 nov. 2025.

_____. **Xavante**. 2024. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xavante>. Acesso em: jun 2024.

KAYSER, B. O geógrafo e a pesquisa de campo. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 84, p. 93-104, 2006.

LACOSTE, Y. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista De Geografia**, (84), 77–92, 2017. Recuperado de <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/729>

MARCOS, V. de. Trabalho de campo em geografia: reflexões sobre uma experiência de pesquisa participante. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 84, p. 105-136, 2006. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Marcos_V_3_1780772_TrabalhoDeCampoEmGeografia.pdf. Acesso em: 01 jun. 2025

MAYBURY-LEWIS, D. **A sociedade Xavante**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984. 414 p.

OLIVEIRA, R. Paisagem e território de resistência: as frentes de expansão econômica e a cultura Xavante. **Dissertação (Mestrado em Geografia)** – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2017.

RIBEIRO, M. T. Para além do território: a categoria Ró do povo A'uwẽ Xavante no centro da disputa territorial na Terra Indígena Sangradouro/Volta Grande. **Dissertação (Mestrado em**



XI SINGA

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA
XII SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA – JORNADA CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES

AS (IN)CONSEQUÊNCIAS TERRITORIAIS DA QUESTÃO AGRÁRIA E A
MUNDIALIZAÇÃO DO CAPITAL: RESISTÊNCIAS TEÓRICAS E POLÍTICAS

08 A 12 DE OUTUBRO DE 2025 | UFMS | TRÊS LAGOAS - MS

Geografia) – Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2023.

RODRIGUES, T. Onde a terra toca o céu: dimensões espaciais do (des)envolvimento Waradzú e envolvimento A’uwe Marãiwatsédé. **Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente)** – Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2022.

SILVESTRI, M. Conflitos territoriais e a r-existência do povo A’uwẽ-Xavante: Luta pela Terra e pelo Território no Leste Mato-Grossense. 2019, **Tese (Doutorado em Geografia)**, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

SOUZA, A. F. de. Trajetórias do olhar geográfico: da contemplação do mundo ao trabalho de campo na geografia humana. **Terra Brasilis** (Nova Série), n. 18, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.12828>. Acesso em: 01 jun. 2025

WELCH, J.; SANTOS, R.; FLOWERS, N.; COIMBRA JR., C. **Na primeira margem do rio: território e ecologia do povo Xavante de Wedezé**. Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI, 2013. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/XVL00017.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2025.

_____. **Persistence of Good Living: A’uwê Life Cycles and Well-Being in the Central Brazilian Cerrados**. Tucson: University of Arizona Press, 2023. ISBN 978-0-8165-4734-0 (hardcover); ISBN 978-0-8165-4735-7 (ebook).